

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	MG	01	05	17	F20	19
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Quilombos da Serra do Cipó
LOCALIDADE	Quilombo Mato do Tição/Matição
MUNICÍPIO / UF	Jaboticatubas / Minas Gerais

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Reza de Santa Cruz
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Festa de Santa Cruz
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.



Genaro, festeiro de Santa Cruz, enfeitando o cruzeiro, Quilombo Matição, 02 de maio de 2017. Foto: Nian Pissolati.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****05****17****F20****19**

Alvorada de Santa Cruz, Quilombo Matição, 03 de maio de 2017. Foto: Nian Pissolati.



Alvorada de Santa Cruz, Quilombo Matição, 03 de maio de 2017. Foto: Nian Pissolati.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****05****17****F20****19****4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

A festa começa no dia 2 de maio com adoração da Cruz na Capela de Santana, seguida de coroação. Todos os moradores que têm uma cruz em sua propriedade fazem nela enfeites no dia de Santa Cruz. A adoração das cruzes presentes nas propriedades dos moradores do Mato do Tição é realizada na noite do dia 2 para o dia 3 de maio. Após esse ritual, os presentes seguem para o Cruzeiro no alto do morro dos Rodrigues, onde ocorrem orações até as 6 da manhã do dia 3 de maio.

A reza de Santa Cruz é a mais longa celebração religiosa de Matição, com duração aproximada de doze horas. Os devotos se concentram no alto de um morro, ao redor de um grande cruzeiro onde rezam, cantam e dançam, batendo candombe defronte a fogueira. Essa parte da reza dura cerca de quatro horas e é participada por grande quantidade de gente, praticamente todos da comunidade e, se o dia coincide com um final de semana, visitantes de povoados vizinhos e de outras cidades. A Alvorada de Santa Cruz inicia em seguida à reza no Cruzeiro quando, retornados do alto do morro os devotos peregrinam pela madrugada, de casa em casa (contando-se quase todas as 29 residências da comunidade). A quantidade de gente nesse momento é bem menor, reduzindo-se em geral a poucos devotos do quilombo, os mais *apegados com Santa Cruz*, entre os quais um pequeno grupo de candombeiros (que são no mínimo cinco tocadores e um puxador). Seguem rezando aos pés das cruzinhas que ficam enfeitadas na entrada dos terreiros das casas. A alvorada precisa terminar antes da sete horas da manhã que é quando *as cruzes sobem para o céu*, onde haverá uma 'outra festa', *a festa delas junto de Deus* (Nilse).

Um dos principais elementos da Reza de Santa Cruz é o candombe. O candombe é marcado pelo ritmo dos tambus. O som da "caixa batuqueira" também acompanha o candombe. Os tambus usados atualmente na festa de Lena foram esculpidos em uma oficina ministrada por um quilombola de Matição. O candombe é marcado por movimentos corporais específicos caracterizando uma dança. Versos com conteúdos diversos: religiosos, amorosos, cotidianos e etc. Um candombeiro entoava versos que são respondidos pelo restante do grupo (no candombe).

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO**5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

A celebração inicia do "alto do morro do cruzeiro", após a "Reza do Mês de Maria", realizada durante todo o mês de maio na capela. Essa reza termina por volta das 21:00 da noite. Há um intervalo e os devotos dirigem-se para o alto do morro, nas terras conhecidas como de Antônio D'Olaia, antigo fazendeiro, já falecido, que colaborava com Jair de Siqueira, nessa celebração. O morro do cruzeiro fica a cerca de 1km metros do sítio onde residem os quilombolas de Matição, considerando-se a extrema do lugar conhecido por Beco de Jair (Jair de Siqueira). O morro tem altura de aproximadamente 100 metros de altura, com inclinação acentuada. A reza no morro inicia por volta de 23:00 até as 00:00, quando começa o candombe. O candombe acontece durante cerca de hora, hora e meia (entre 00:00 e :01:30). Fazem um intervalo e recomeçam a reza, agora nas casas, no sítio do quilombo, a partir da casa do antigo Mestre Jair de Siqueira, até a finalização na casa de Titita, neta de Bina (Silvia de Siqueira), pouco antes das 07:00. Portanto, entre 02:00 e 07:00 as rezadeiras e candombeiros peregrinam, de casa em casa, rezando a frente das cruzes.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Morro do cruzeiro; Casa/terreiro de Jair; Casa Velha (de Benjamin e Josefa)/terreiro da capela; Casa/terreiro de Divina.

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

No dia 02 de maio, ainda pela manhã, o festeiro Genaro de Siqueira, acompanhado de alguns companheiros (entre crianças e adultos), sobre ao alto do morro para enfeitar o cruzeiro; limpar o terreno; instalar a barraca onde servem o quentão; As cruzes nas casas são instalações fixas, ao longo do ano; e seus enfeites (decoração com papel crepom colorido) são renovados na véspera.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES							MG	01	05	17	F20	19
-------------------------------------	--	--	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

6. TEMPO

DATA	☒ DATA FIXA ☐ DATA MÓVEL: (último sábado de maio)										
DURAÇÃO	De 02 a 03 de maio.										
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA										
OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1990											
1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

7. HISTÓRIA

7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES

Depois dos pais falecidos, quem *pegou essa reza* foi o filho *Jair* (Jair de Siqueira) que junto com um companheiro Seu Antônio *d'Olaia*, candobeiro e pequeno fazendeiro da vizinhança de Matição, passaram a reza da beira do Caminho Fundo para o alto de um morro na propriedade de *d'Olaia*. Nesse morro instalaram um pequeno cruzeiro, que depois foi trocado por outro maior, onde rezam atualmente. A reza então acontece há pelo menos três gerações do quilombo Matição. Quem *toma conta dessa reza* depois da morte de Jair é seu filho Genário, que *não pode parar a missão pra não dar peso na alma de papai. Senão ele fica contrariado e a alma dele fica sem lugar* (Genário).

Esse compromisso de seguir com a obrigação do ancestral é das coisas mais sérias no quilombo. *Essa reza é muito antiga... No tempo do meu pai rezava lá na cruzinha, na beira da estrada lá. O pai e a mãe. Depois é que ficou essa tradição do cruzeiro. O cruzeiro não era aqui. Era aquele lá do caminho da assombração* (NOTA: O Caminho Fundo, onde começou a reza de Santa Cruz, é famigerado por ser território assombrado. Muitas são as histórias de encontros com visões nesse caminho que desde os tempos remotos é bastante usado pela gente de Matição. É o caminho que liga o quilombo à Fazenda de Baixo, onde os ancestrais foram escravizados e alguns descendentes trabalharam até pouco tempo atrás.). *A mãe rezava nas cruzes, mas o cruzeiro era aquele lá. Batia o candombe e rezava lá. Depois cumpadre Jair e Antônio d'Olaia fizeram esse cruzeirão* (Divina). *Quando eu me entendi por gente papai já fazia essa reza. Nós fomos seguindo ele... Seguindo até que Deus tirou ele. Mas nós continuamos fazendo a tradição para não acabar essa tradição. Assim eles falavam: que da primeira vez eles faziam numa cruz pequena... Mas foi crescendo...o povo foi aumentando... Papai fez um cruzeiro grande. Daí foi gastando, gastando... acabando.. Eu fui e refiz o cruzeiro. Usei um parajú[pau que dura muito tempo] pra não gastar e todo ano ter que fazer de novo. Antes de ter esse de cá, rezava lá, naquele cruzeiro mais antigo, indo pro Caminho Fundo. Rezava ali. Fazia o candombe nele a noite toda! Depois fez esse de cá... Passou a rezar nesse de cá e largou aquele lá* (Genário).

É preciso seguir com a reza prometida e zelar para que ela continue acontecendo da maneira mais correta. *Ao menos duas caixas de foguete, é preciso soltar nessa festa que é como Cumpadre Jair fazia e não pode deixar de fazer, não. Porque é pra Santa Cruz! Santa Cruz pede, precisa dessa zoadá que é pra fazer ouvir no mundo inteiro que hoje é o dia dela. Cumpadre Jair não deixava de soltar foguete. Hoje ele deve estar revirando no caixão* (Bina). *Jair deve estar chorando... ele comprava foguetes todo ano... Desde cedo ele estourava. Devia de soltar ao menos um. Ano passado eu doeí. Esse ano os homens que prometeram não deram nenhum. Prometeram fazendo gracinha* (Isaura).Esse lamentadas irmãs Bina e Isaura feito durante uma reza de Santa Cruz, demonstra como ficam os velhos quando a festa não acontece do modo como *tem que ser*. Esse modo é definido pela *forma como era antigamente*. Até aquele momento da reza nenhum foguete havia sido estourado, conforme fazia o finado irmão.Nessa missão de *fazer como era antes*, outros parentes e amigos podem (e devem) se sentir na obrigação de ajudar (limpando o alto do morro, decorando o cruzeiro, preparando a comida e o quentão, mobilizando os demais parentes para a doação dos foguetes ou da lenha para a fogueira que é acesa para a reza). Mas muitas das vezes o que acaba acontecendo é um sobretrabalho do festeiro que toma para si toda a tarefa como sacrifício e persistência, deferente à devoção.

Essa reza começou por iniciativa de Benjamin e Josefa, pais dos Anciãos Siqueiras, depois que Benjamin *teve uma visão*: um grupo de pessoas *todo mundo vestido de branco*, rezando em procissão ao redor de um cruzeiro antigo, *pros*

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES					MG	01	05	17	F20	19
-------------------------------------	--	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

rumos do Caminho Fundo, por onde ele passava voltando da pesca, de madrugada. Benjamin acompanhou essas pessoas pensando que era gente vivo, na intenção de ajudar na reza que achou bonita e julgou importante. Quando chegou bem perto, as visões sumiram deixando claro que os penitentes não eram desse mundo nosso. O acontecimento foi logo compreendido como manifestação da necessidade dessas almas que estavam perturbadas sem reza, sem oração. A partir de então, reuniu esposa, filhos, amigos e outros parentes e fundou mais essa obrigação, muitas vezes cumprida solitariamente, só mamãe e papai na cruz, mas mesmo assim eles iam, porque alma penada precisando de reza é coisa muito séria, pode trazer complicação pro lugar (Isaura).

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

SEGUNDO GENARO, no que respeita à doutrina católica oficial, essa reza do cruzeiro significa é... O calvário por onde Jesus passou com a cruz. Significa a passagem de Jesus na Terra e o sofrimento dele. Porque essa caminhada que a gente faz é uma penitência. Ranca daqui pra ir lá no alto morro rezar. Volta. Reza nas cruzinhas todas... Nessa linha de interpretação orientada pelo catolicismo, enquanto Genário enfatiza o Calvário, Dona Nilse associa a reza com a Ressurreição. Numa tarde de dois de maio, véspera da celebração, enquanto decorava a cruz do seu terreiro, perguntei que sentido tem festejar a Santa Cruz, se há alguma relação com as almas. Ela pareceu hesitar na resposta e depois falou que a celebração é uma lembrança da ressurreição de Jesus Cristo, do seu renascimento depois da crucificação. Mas a gente aproveita pra rezar pras almas também. Porque todo santo tem um dia. E o dia três é o dia da Santa Cruz. A gente enfeita as cruzes porque estamos vestindo elas. Porque às seis horas da manhã do dia três que é o dia da Santa Cruz, é a festa delas no céu! Então elas tem que subir bem vestidas, bonitas, coloridas, elas todas, pra festa delas no céu. Que se elas ficam peladas elas não entram pra essa festa e ficam por aqui perturbadas, apaixonadas porque querem festejar com as outras cruzes que entraram porque estavam vestidas. A homenagem da alvorada nas casas só pode ser feita nos terreiros onde tem a cruz devidamente fixada e decorada. Sem cruz não pode cantar e sem estar enfeitada também não... Senão ela vai pelada atrás das outras... E fica pra traz (Nilse).

Mais ao largo da doutrina católica (NOTA: Digo aqui 'ao largo' certa de que esse é um ponto de vista meu, pois, da perspectiva da maioria dos devotos de Matição, seu cuidado com as almas em nada contraria ou se afasta da doutrina católica.) e por mais perto do quilombo Matição, parece-me que o que é feito no dia da Santa Cruz é todo um trabalho de reafirmação de vida aos vivos, e de confirmação (e apaziguamento) da morte aos mortos, lembrando-se os finados e pedindo pela sua salvação. A homenagem à Santa Cruz agencia um cuidado especial com as almas santas e benditas, mas também com aquelas penadas, perdidas, apegadas ao nosso mundo. É preciso rezar para a sua elevação aos céus, para a sua libertação da Terra, libertando-se ao mesmo tempo o mundo dos vivos dos males que podem ser causados pela permanência de assombrações, que muitas vezes são finados queridos, mas nem por isso menos repreensíveis por negarem-se a fazer sua passagem. Esse cuidado e empenho no convencimento para a aceitação da morte (e afirmação da vida) é um trabalho no santo, como diz Divina – dedicado à libertação das almas e à sua condução à glória, o reino do céu.

Eu: Mas essa festa afinal, celebra o quê Dona Divina? É uma reza pra quem?

– É das almas. É das almas, essa reza.

Eu: A gente reza pras almas que tão precisando de ajuda pra subir?

– É as almas... é muita gente!!!

Para cada casa rezada na alvorada os devotos cantam ao menos três cantigas em honra a Santa Cruz e cumprem um Pai Nosso com Ave Maria, defronte as cruzinhas colocadas no chão, em intenção dos parentes falecidos que habitaram ali: *Pela alma de Cristiana Gonçalves, que siga a luz eterna dela; Um pai nosso e uma ave Maria pela alma de meu pai e de minha mãe, porque aqui era morada deles; Que Santa Cruz que avise à Maria, dona da casa, que estivemos aqui.* São mensagens e intenções afirmadas pela madrugada, seguidas pelo candombe que com alegria e vigor arremata a louvação. Entoam cantigas para dar vivas a Santa Cruz. Assim reforçam um agradecimento pelos pedidos alcançados e fazem novas solicitações. As velas acesas à frente da cruz firmam os pedidos iluminando seus caminhos para a realização.

A cada Pai Nosso e Ave Maria, fazem um comentário indicando a orientação desses pedidos que podem ser em intenção dos mortos, pelo seu apaziguamento: *Pedir o eterno descanso para a alma desse morto, que despreze a terra e vá para seu mundo próprio* (Nilse). Ou dedicados aos vivos para o alcance de vitórias: *Que Santa Cruz que ajudei a todos nós que participamos dessa alvorada, que tenha misericórdia de nós...que nos ajude. Na vida a saúde, a alegria, a paz, a união, tudo de bom que nós encontremos em nosso caminho! Livrai-nos de todos os males contaminosos! Santo Cruzeiro dá força pra esse ano para todos os presentes! Que assim seja* (Nilse) !

Deus vos salve ò cruz bendita

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES				MG	01	05	17	F20	19
-------------------------------------	--	--	--	----	----	----	----	-----	----

Deus vos salve ò cruz bendita

Que está no tempo sereno

Que está no tempo sereno

Onde foi crucificado

Onde foi crucificado

Meu Jesus de nazareno

Meu Jesus de nazareno (NOTA: Cantiga à Santa Cruz, entoada no Matição, em 2012 e 2013.)

A intensidade dessa festa produz efeitos marcantes: extenua os corpos, embriaga os sentidos, liga e desliga afetos e recordações. Os cantos reverberam pela madrugada de muito frio. Velhos firmando a reza e jovens batendo os tambus se conciliam nessa penitência que é também uma curtição. Há muita alegria. Há também contrição. Divina percute o seu sininho (na umbanda chamado de deja), tilintando, pontualmente ao longo da celebração. Esse toque incisivo – que desconfio ser um meio direto de comunicação com as almas, ao redor – sobrepõe-se a outros gestos como uma camada de mistério sobre as tantas outras camadas de ação. A festa faz vertigem. Na última das casas preparadas para a celebração, o que é sempre indicado pela cruz devidamente *vestida* e assentada no terreiro, Nilse alerta a todos que é preciso *fechar a reza* pois não pode passar de sete horas da manhã que é quando as cruzeiros vão para o céu. Fazem as últimas solicitações:

Que se leve todos os pensamentos ruins. Que sejam levados com a Santa Cruz! Um pai nosso com ave Maria por alma dos falecidos todos! Que desprezem a terra e vão pro mundo próprio deles. Que sigam a vida eterna! Um pai Nosso com Ave Maria em intenção dos donos dessa casa que a Santa Cruz ampare eles: daí vida e união. Santa Cruz protege todos que estiveram com a gente e àqueles que tiveram vontade de vir e não puderam. Para o ano nós estaremos todos juntos aqui novamente (Nilse). Estivemos unidos e permaneceremos unidos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém. Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo (Divina) !

Recomeça o candombe, fechando a louvação.

Se a morte não me levar tamborim

Se a terra não me comer tamborim

Aiaiai, tamborim

Para o ano eu voltarei tamborim (NOTA: Cantiga de despedida, muito entoada aos finais de grandes festas do Reinado, e no candombe em Matição)

7.3. CRONOLOGIA	
DATA	DESCRIÇÃO
Por volta de 1920	Benjamim de Siqueira (nascido em 1890) e Josefa Basílio dos Santos (nascida em 1909) se comprometem em rezar no cruzeiro para as almas desassossegadas descansarem em paz.
1967	Jair de Siqueira (nascido em 1932), filho de Benjamin e Josefa que auxiliava na reza, passa a ser o responsável, ajudando sua mãe, Josefa, que fica viúva em 1967.
2004	Jair de Siqueira falece e a reza fica cerca de 2 anos sem acontecer.
2008	Genaro Antonio de Siqueira assume a responsabilidade pela festa, promessa de seu pai, Jair.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	05	17	F20	19
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8. ATIVIDADE

8.1. PROGRAMAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE
Preparação	Enfeite das cruzes em cada casa da comunidades; responsabilidade de cada morador, devoto. Enfeite do cruzeiro; responsabilidade do festeiro, Genaro de Siqueira; Limpeza do alto do morro; responsabilidade do festeiro;
Reza	Reza no alto do morro entre 23:00 e 00:00
candombe	Entre 00:00 e 01:00 os candombeiros fazem louvações no alto do cruzeiro.
Reza nas casas	Entre 02:00 e 07:00 são rezadas ladainhas nas cruzes de cada casa, finalizando-se com candombe em cada casa.
Alvorada de santa cruz	Entre 05:00 e 06:50 nomeiam de alvorada de santas cruz que deve terminar antes das 07:00, quando há festa no céu para recebimento das cruzes enfeitadas.

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO
festeiro	responsável pela manutenção do compromisso com a festa a cada ano; oferece um quentão, café e biscoitos; responsável pelos fogos.
rezadeiras	Rezam no alto do morro e puxam as ladainhas em cada casa, até a alvorada.
Candombeiros	Candombeiros tocam, cantam e dançam; firmando os pedidos de bom destino às santas almas.

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	São oferecidos café, quentão e biscoitos; é preciso estourar fogos-foguetes; o cruzeiro precisa ser enfeitado com papeis coloridos e brilhantes;
QUEM PROVÊ	O festeiro, com apoio de donativos ofertados por parentes, vizinhos e amigos.
FUNÇÃO	Pagamento de promessa

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Papeis coloridos e brilhantes; foguetes.
QUEM PROVÊ	Festeiros com apoio de donativos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Cuidado com o cruzeiro; oferta aos devotos;
DISPONIBILIDADE	Nunca faltam esses recursos, mesmo que com dificuldades.

8.5. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	O festeiro deve oferecer biscoitos , café e quentão. Uma barraquinha vende caldos e refrigerantes.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	05	17	F20	19
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

QUEM PROVÊ	O festeiro, geralmente com apoio de amigos e parentes que ofertam donativos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Reciprocidade, cuidado.

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	Cruzeiro do alto do morro
QUEM PROVÊ	Instalado pelo antigo Mestre Jair de Siqueira; preservado por seu filho Genaro de Siqueira.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ritual-devocional

8.7. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Papeis coloridos e brilhantes enfeitam o cruzeiro; papeis coloridos enfeitam as cruzes em cada casa; velas são acesas nas cruzes das casas; velas são acesas ao pé do cruzeiro
QUEM PROVÊ	devotos
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	devoção

8.8. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	O candombe é marcado por movimentos corporais específicos caracterizando uma dança.
QUEM EXECUTA	Candombeiros
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ritual-devocional

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Orações e cânticos religiosos, ladainhas de louvação a santa cruz.
QUEM PROVÊ	Rezadeiras, candombeiros.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ritual-devocional

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Tambus, guaiás, puíta.
QUEM PROVÊ	Candombeiros (candombe do Mtição)
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ritual-devocional

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	05	17	F20	19
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

8.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

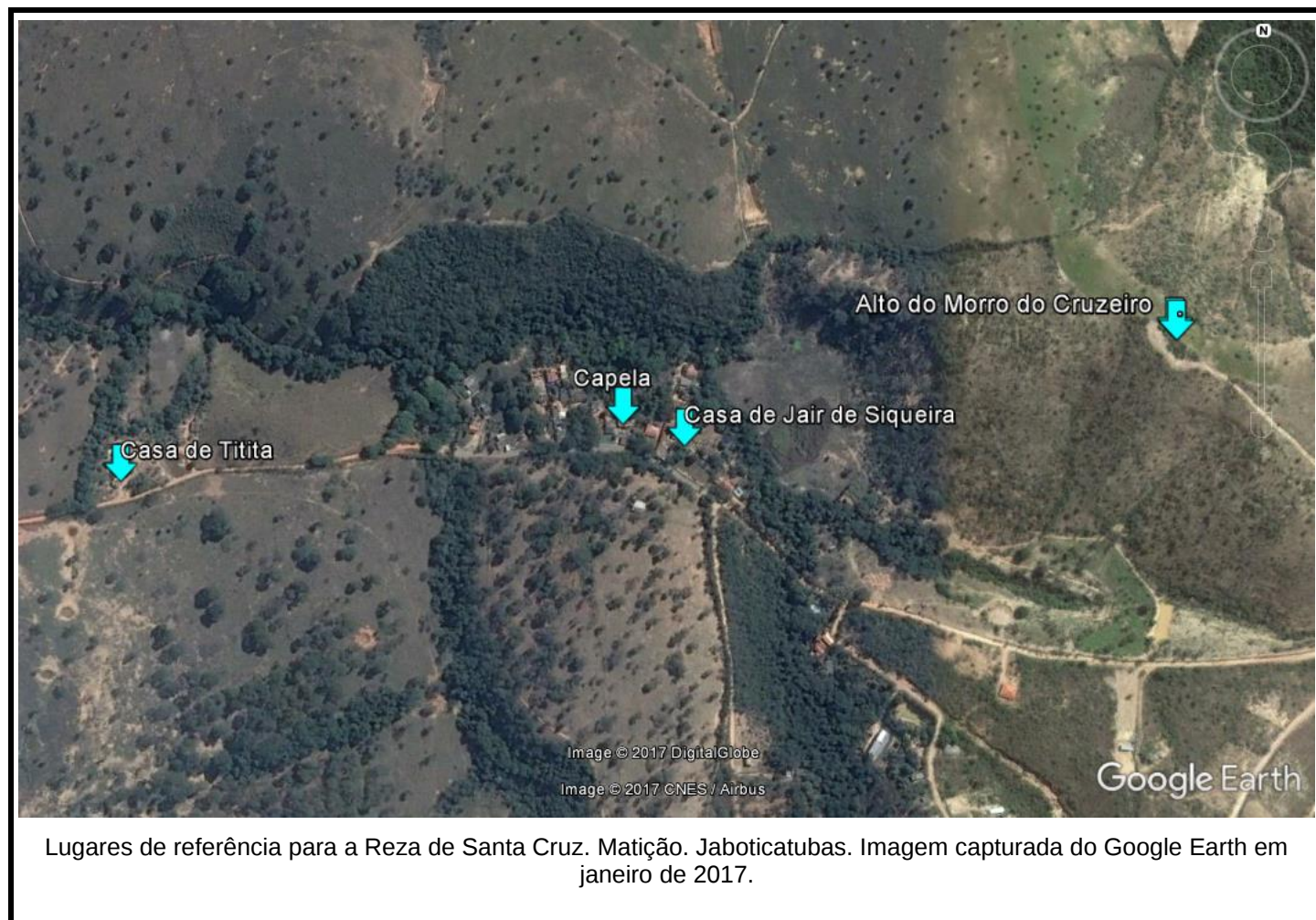
EXECUTANTE	ATIVIDADE
n.a	n.a
n.a	n.a

9. PÚBLICO**DESCRIÇÃO**

O público é composto predominantemente por quilombolas do Matição, moradores do quilombo e de outras regiões (sede de Jaboticatubas, Santa Luzia, Belo Horizonte, Lagoa Santa). Há também visitantes moradores da sede e moradores de Belo Horizonte, Santa Luzia e Belo Horizonte. É comum a presença de pesquisadores.

10. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Tambus	Não identificado neste inventário
Candombe do Matição	Não identificado neste inventário
Terreiro de Divina	Não identificado neste inventário
Casa Velha de Benjamim e Josefa	Não identificado neste inventário
Morro do Cruzeiro	Não identificado neste inventário

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES**MG****01****05****17****F20****19****11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS****12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS****12.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Nenhum documento específico sobre esta celebração foi identificado.

12.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Registro audiovisual da Reza de Santa Cruz, realizado em 02 e 03 de maio de 2016, para INRC Quilombos d Serra do Cipó.

12.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Registro Reza de Santa Cruz, realizado em 02 e 03 de maio de 2016, para INRC Quilombos d Serra do Cipó.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	MG	01	05	17	F20	19
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

13. OBSERVAÇÕES

13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

A reza de santa cruz é uma manifestação muito comum aos quilombos em Minas Gerais; de forma geral encontra-se em decadência em grande parte das comunidades, enquanto, no Mato do Tição, apesar de dificuldades, ainda acontece vigorosamente. Em 2017 a reza não contou com a reza nas cruzeiras das casas por falta de candombeiros que acompanhassem. Sem candombeiros, não acontece a reza nas casas.

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Candombe do Matição. Casa Velha de Benjamim e Josefa. Terreiro de Divina. Morro do Cruzeiro. Tambus.

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Nenhuma

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Questionário de Identificação Celebrações (Q20)		
PESQUISADOR (ES)	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
SUPERVISOR	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira		
REDATOR	Ana Tereza Faria e Fernanda de Oliveira	DATA 04/07/2017	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	CAMPO – Cultura, Meio Ambiente e Patrimônio.		